

Obra: Peraltagens com Manoel de Barros

O apanhador de desperdícios

Em um dos versos de “Memórias inventadas” Manoel de Barros, autor de dezoito livros de poesia, justifica a sua obra com a seguinte afirmação: “Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes... Meu quintal é maior do que o mundo”.

O poeta dos desperdícios usa a palavra como um filtro contra a rigidez, a ignorância e a concretude para tecer o lírico e inventar caminhos que poderão ser percorridos através da imaginação e das múltiplas significações que a palavra permite.

A matéria utilizada é toda e qualquer palavra que se move na direção do improvável, uma espécie de brincadeira de criança que deseja “pegar na bunda do vento”, pois como ele mesmo já afirmou “o verbo tem que pegar delírio”.

A presente obra é um diálogo com alguns poemas de Manoel de Barros e outros de minha autoria. Um exercício contínuo de liberdade artística e de criação, um cruzamento entre poesias desimportantes. O critério de seleção dos poemas escolhidos foi apenas o amor pela palavra. O poema é antes de tudo um “inutensílio”, uma ferramenta para compor sonhos e

reinventar o silêncio. Fazer poesia é fazer amor com a solidão.

As peraltagens poéticas são uma homenagem ao poeta mato-grossense, ao “Menino do mato” que irradia luz e esperança na travessia deste labirinto chamado vida.

Fabiano Ferraz Dantas

Belo Horizonte, 5 de junho de 2017

Ao Big Bang e ao Sapo Cururu que foi engolido pelo Buraco Negro.

Palatável

Afinal, quem tem razão?

*Direi : os gramáticos, os pragmáticos , os escolásticos
os agricultores, o sertão sem flores*

seu Zé da padaria, os escudeiros

*o motorista, os rebeldes, até mesmo meu cajueiro
onde descanso quando não quero argumentar.*

*Esqueci da Gabriela, " Dona Carminha", Maria
Madalena*

*Vovó, a professora, a dentista, a aeromoça
o fulano, o sicrano, o beltrano (pausa pra respirar).*

Somos muitos.

Somos poucos.

Não é louco?

Somos sonhos tortos.

Que tortura é a sintaxe.

Falamos bastante.

Pensamos num instante...

Quem inventou a palavra?

*Não sei. Só sei que a palavra gera várias palavrinhas
todas bem safadinhas, traquinas*

com carteira de identidade, cpf, código postal e classes.

Tantas dúvidas.

Pouca certeza.

Somos levados pela correnteza.

Tantas vezes repetimos os mesmos erros.

Mas é assim mesmo:

cada um na lua

cada um na rua

cada qual na sua

alguém, ninguém

*quem quer que seja o proferidor,
vale a pena ressaltar:
" quem tudo quer, tudo perde"
quem tem o rei na barriga, morre de constipação.*

*Nenhuma palavra vive sozinha.
Senhora de classe, de elegância.
Dona de tudo.
Até mesmo do irresoluto.
A palavra é humana.
Respira, digere
Muda e sugere:
"Quem não tem cão, caça com gato"
Sempre atenta.
Ela nos sustenta.
Por favor, sejam pacientes com a palavra
que precisa de zelo, de pronomes, de preposições,
de carinho , de adjetivos... de todos nós.*

Despalavra

Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da
despalavra.

Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades
humanas.

Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades
de pássaros.

Daqui vem que todas as pedras podem ter qualidades
de sapo.

Daqui vem que todos os poetas podem ter qualidades
de árvore.

Daqui vem que os poetas podem arborizar os pássaros.

Daqui vem que todos os poetas podem humanizar
as águas.

Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo
com as suas metáforas.

Que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes,
podem ser pré-musgos.

Daqui vem que os poetas podem compreender
o mundo sem conceitos.

Que os poetas podem refazer o mundo por imagens,
por eflúvios, por afeto.

Arquitetura orgânica

Abraçar-te.
Plantar-te
em campos privados de
folhas amontoadas,
de baratas trabalhadoras
querendo se aposentar.
Teu quarto sem paredes
possui redes e solas,
almofadas indianas
onde eu adormeço.
Sorrir não tem preço.
Logo um despertador toca
vou dando cambalhotas...
Um girassol me mostra o caminho.

Moço de São João
Dancemos quadrilha!
Quem venha a partilha!
Guerrilhas de espadas.
Passarinho me contou
debaixo da escada
que te viu na janela
queixando-se com o vento
Dois recados, um lamento;
Um esquadro sem fermento.
Fez promessa com ardor
Pra crescer e ter um amor.

Não se brinca sozinho
Dê-me a tua mão para saltarmos um riachinho
As borboletas trilhando o caminho.

Nem precisava atormentar o vento
Pois o amor se arquiteta no tempo
Constrói castelos e inventa cavalos.

Vou comprar os tijolos
Vou pintar uma paisagem:
Um jardim de cerejeiras
Planilhas,
ferragens, laços
Eu te querendo em meus braços.

Não se brinca sozinho
Dê-me a tua mão para saltarmos um riachinho...

Sobre importâncias

Uma rã se achava importante

Porque o rio passava nas suas margens.

O rio não teria grande importância para a rã

Porque era o rio que estava ao pé dela.

Pois Pois.

Para uma artista aquele ramo de luz sobre uma lata

desterrada no canto de uma rua, talvez para um

fotógrafo, aquele pingo de sol na lata seja mais

importante do que o esplendor do sol nos oceanos.

Pois Pois.

Em Roma, o que mais me chamou atenção foi um

prédio que ficava em frente das pombas.

O prédio era de estilo bizantino do século IX.

Colosso!

Mas eu achei as pombas mais importantes do que o

prédio.

Agora, hoje, eu vi um sabiá pousado na Cordilheira

dos Andes.

O pessoal falou: seu olhar é distorcido.

Eu, por certo, não saberei medir a importância das

coisas: alguém sabe?

Eu só queria construir nadeiras para botar nas

minhas palavras.

Melody of Love

O touro na vespa
Nas ruas de Roma
Deitado na grama
Com a orelha na lama
Cantada na cama

Sentado no gabinete
Sufocado ele grita:
Eu quero o átomo
Eu quero um *arpeggio*
Eu sou a Décima das Parcas
O frescor do vento
A tempestade ciumenta
O sabor que você não conheceu
O touro amigo
O ouro bandido
Eu sou a véspera.

Eu canto a solidão
Do copo, da farmácia, da poesia
Odor de maresia
Com Peixes no aquário
Bodes no terraço
Virgens a dançar
Serei , serás, sereia
Serão todos serenatas
Alpargatas no festim
Meu nome no espelho
Luar de prosear
Meu jeito faceiro
Gaboso

Eu vou te reinventar.
ÊÊÊHHHH LÁ...cuidado com o Touro!

Poemas rupestres

Por viver muitos anos dentro do mato
moda ave

O menino pegou um olhar de pássaro-
Contraíu visão fontana.

Por forma que ele enxergava as coisas
por igual

como os pássaros enxergam.

As coisas todas inominadas.

Água não era ainda a palavra água.

Pedra não era ainda a palavra pedra.

E tal.

As palavras eram livres de gramáticas e
podiam ficar em qualquer posição.

Por forma que o menino podia inaugurar.

Podia dar às pedras costumes de flor.

Podia dar ao canto formato de sol.

E, se quisesse caber em uma abelha, era
só abrir a palavra abelha e entrar dentro
dela.

Como se fosse infância da língua.

Amarelo quente

Sofro de uma doença que se chama Inventar.
Invento circo, palavras, açudes, corujas noturnas
Cipós, dor de barriga, enxaqueca, maratonas,
Querubins, açafirão, rendas e tendas.
Açafirão pode ser alçafrão.
Açafirão pode ser alfenide.
Açafirão pode ser assapão
Assim como menino, mininu, méninu.
Muuuuuhhhh... olha a vaca!

OS DOIS

Eu sou dois seres.

O primeiro é fruto do amor de João e Alice.

O segundo é letral:

É fruto de uma natureza que pensa por imagens,

Como diria Paul Valéry.

O primeiro está aqui de uma, roupa, chapéu
e vaidades.

O segundo está aqui em letras, sílabas, vaidades
frases.

E aceitamos que você empregue o seu amor em nós.

Loteria

Eu sou fiel.
A vida é traidora?
Eu sou capaz.
A vida é um leva e traz.
Eu sou o A autora.
A vida é sedutora.
Eu sou um macaco.
A vida é um saco.
Eu sou uma leitura.
A vida levada na cintura.
Eu sou o giz.
A vida por um triz.
Eu sou o peão.
A vida é pão.
Eu sou o percevejo.
A vida é desejo.
Eu sou o azul turquesa.
A vida japonesa.
Eu sou a joaninha.
A vida de brincadeira.
Eu sou o riso.
A vida entre livros.
Eu sou feliz.
A vida como eu quis.
Eu sou a água.
A vida é uma mágoa?
Eu sou Magari.
A vida que vivi.
Eu sou alto astral.
A vida é perianal.
Eu sou mineirismo.

A vida é *issu mismo*.
Eu sou *mise en scène*.
A vida é *poème*.
Eu sou orquidácea.
A vida é *gracias*.
Eu sou o mestre-cuca.
A vida não é maluca?
Eu sou o mel.
Da vida não quero o fel.
Eu sou um mistério.
A vida não pode ser levada tão a sério.
Eu sou o ócio.
A vida é um ópio.
Eu sou caligrafia.
A vida é oceanografia.
Eu sou calçadão.
A vida é perdão.
Eu sou um tango.
A vida é um frango?
Eu sou o esquecimento.
A vida de cimento.
Eu sou a cana-de-açúcar.
A vida é: Por favor, pare. Escuta.
Eu sou borboletas.
A vida são letras.
Eu sou o capitão-tenente.
A vida é uma dor de dente.
Eu sou um ode.
Na vida nem tudo pode.
Eu sou ocidente.
A vida é oriente-se.
Eu sou Tarsila do Amaral.
A vida é um carnaval.
Eu sou Amor.
A vida é um louvor.

Eu sou canarinho-do-mato
A vida é um espetáculo.

Menino do Mato

Eu queria usar palavras de ave para escrever.

Onde a gente morava era um lugar imensamente e sem nomeação.

Ali a gente brincava de brincar com as palavras tipo assim: Hoje eu vi uma formiga ajoelhada na pedra!

A Mãe que ouvira a brincadeira falou:

Já vem você com suas visões!

Porque formigas têm joelhos ajoelháveis

e nem há pedras de sacristias por aqui.

Isso é traquinagem da sua imaginação.

O menino tinha no olhar um silêncio de chão

e na sua voz uma candura de Fontes.

O Pai achava que a gente queria desver o mundo

para encontrar nas palavras novas coisas de ver

assim: eu via a manhã pousada sobre as margens do

rio do mesmo modo que uma garça aberta na solidão

de uma pedra.

Eram novidades que os meninos criavam com as suas palavras.

Assim Bernardo emendou nova criação: Eu hoje vi um sapo com olhar de árvore.

Então era preciso desver o mundo para sair daquele lugar imensamente e sem lado.

A gente queria encontrar imagens de aves abençoadas pela inocência.

O que a gente aprendia naquele lugar era só ignorâncias

para a gente bem entender a voz das águas e dos caracóis.

A gente gostava das palavras quando elas perturbavam o sentido normal das ideias.

Porque a gente também sabia que só os absurdos enriquecem a poesia.
Nosso conhecimento não era de estudar em livros.
Era de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos.
Seria um saber primordial?
Nossas palavras se ajuntavam uma na outra por amor e não por sintaxe.
A gente queria o arpejo. O canto. O gorjeio das palavras.
Um dia tentamos até fazer um cruzamento de árvores com passarinhos para obter gorjeios em nossas palavras.
Não obtivemos.
Estamos esperando até hoje.
Mas bem ficamos sabendo que é também das percepções primárias que nascem arpejos e canções e gorjeios.
Porém naquela altura a gente gostava mais das palavras desbocadas.
Tipo assim: Eu queria pegar na bunda do vento.
O pai disse que vento não tem bunda.
Pelo que ficamos frustrados.
Mas o pai apoiava a nossa maneira de desver o mundo que era a nossa maneira de sair do enfado.
A gente não gostava de explicar as imagens porque explicar afasta as falas da imaginação.
A gente gostava dos sentidos desarticulados como a conversa dos passarinhos no chão a comer pedaços de moscas.
Certas visões não significavam nada mas eram passeios verbais.
A gente sempre queria dar braço às borboletas.
A gente gostava bem das vadiagens com as palavras do

que das prisões gramaticais.

Quando o menino disse que queria passar para as
palavras suas peraltagens até os caracóis apoiaram.

A gente se encostava na tarde como se a tarde fosse
um poste.

A gente gostava das palavras quando elas perturbavam
Os sentidos normais da fala.

Esses meninos faziam parte do arrebol como
os passarinhos.

15 de abril

A vida e seus acontecimentos:

Morreu Greta Garbo, Jean Genet, Jean Paul Sartre

E mais um bocadinho de gente.

Prisão de Oswald de Andrade e Pagu

acusados de serem subversivos.

Fidel visitou os Estados Unidos pela primeira vez

O Titanic naufragou

mas Leonardo da Vinci nasceu.

O tempo presente te oferece um bolo de milho

Com toda abundância e fartura

O tempo é solar.

O dia é solar.

Quem será que está nascendo hoje?

Uma arara azul, três avestruzes , alguns pés de

jabuticabas, milhões de sapinhos

Crianças ...

As maternidades estão cheias.

E tem aqueles que já estão na estrada

Deram as boas vindas no dia 15.

Pra você,

meu muito obrigado

até os dias da dentadura.

Pra você,

um balão de sonhos e uma chuva bem molhadinha

porque a terra está seca e alguns corações também.

E depois do 15 vem o 16. Feliz 365 que se seguem...

Concerto a céu aberto para solos de aves

Quando eu nasci
o silêncio foi aumentado.
Meu pai sempre entendeu
Que eu era torto.
Mas sempre me aprumou.
Passei anos me procurando por lugares nenhuns.
Até que não me achei_ e fui salvo.
Às vezes caminhava como se fosse um bulbo.

Epifania das cores

No princípio era o branco, era o creme, o corpo em
ação

Todas as cores brincando na cabeça tela
e a imagem das dores e dos amores de Brodowski

O mundo e a realidade coberta de azul

O conflito entre o real das manchas e a cena
borrada

Era o verbo no futuro do subjuntivo, no passado
mais que perfeito da infância

No presente em pinceladas

E o traço se fez homem, criança, cavalo, cão sem
dono, galinhas

Natureza morta dos personagens da história

Natureza viva da memória...

O menino azul na profundidade dos sentimentos

brincava nos balanços da criatividade

nos campos de terra batida onde a bola virava

comida para as outras crianças

e da mistura de tonalidades e formas surgiam

rabiscos

e o feitiço

das porções de pigmentos, clara de ovo e óleo.

Na palheta gigante o pássaro azul saltava entre luz
e sombra,

Entre o pano e a água,

O grafite e a borracha

E os compensados de madeira.

Banhava-se no óleo de linhaça, no querosene, no
secante de cobalto
E voava em meio a tempestade de tintas e técnicas.

O sonho contrastava com a paisagem de um Brasil
tão desigual.

O espantalho na tela

O horror da Guerra

As mãos para o alto, os olhos chuvosos, os tigres
saltando e o grito abafado.

Clemência.

Assalto...

Sonho ou realidade?

Socorro!

Portinari da *Paz* e a *Guerra* de todos: a palavra-
muda?

Arranjos para assobio

Há quem receite a palavra ao ponto de osso, de oco;
ao ponto de ninguém e de nuvem.

Sou mais a palavra com febre, decaída, fodida, na
sarjeta.

Sou mais a palavra ao ponto de entulho.

Amo arrastar algumas no caco de vidro, envergá-las
pro chão, corrompê-las

até que padeçam de mim e me sujem de branco.

Sonho exercer com elas o ofício de criado:

usá-las como quem usa brincos.

Libra

Ponho na balança a liberdade e a autonomia do
indivíduo
Ponho na balança todas as inovações de mercado
Ponho na balança todos os peixes podres
Que nasceram de rios artificiais
Ponho na balança o progresso e o consumo
Ponho na balança a emasculação dos objetos fálicos
Falicismo inútil
Falíveis estão
Na balança da ânsia
Na overdose
Anortose coletiva
Anortografia dos sentimentos
Homem primata não volta
Mas rasteja e vive na balança.
Qual será o seu preço?
Uma libra, uma rosa ou uma coroa de flores?
Pedro está amorfo. Pedro ou qualquer outro homem.
Ponho na balança dez quilos de indiferença.
Não consigo me equilibrar.
Ponho na balança duzentos gramas de cansaço
Uma tonelada de abraços
E sigo pedalando ...
Ponho na balança Zoroastro, as leis judaicas,
Aruanda, Poseidon, Mekubal
Satyagraha e Madalena.
Ponho na balança a criança inocente que balança
E brinca com o vento.
Ela ainda não foi contaminada.
Ponho na balança o milagre dos pães e dos peixes
E sigo pedalando...
Minha bicicleta tem rodas que levam ao paraíso.

Lá eu canto com os pássaros, sou irmão da rosa,
corro com a jaguatirica e durmo de barriga cheia.
Lá, ninguém passa fome.
Lá, as balanças são balanços.

Índice

Manoel de Barros

Despalavra

Sobre importâncias

Poemas rupestres

Os Dois

Menino do Mato

Concerto a céu aberto para solos de aves

Arranjos para assobio

Fabiano Ferraz Dantas

Palatável

Arquitetura orgânica

Melody of love

Amarelo quente

Loteria

15 de abril

Epifania das cores

Libra